

# A MEMORIA

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção e impressão, Typographia SILVA CALDAS  
Rua da Rainha, 125

Responsavel  
Domingos José da Silva

GUIMARÃES, DOMINGO 24 DE FEVEREIRO DE 1901

## A AMIZADE

**E**stá hoje muito em voga o dōcenome de amigo. Permuta-se entre individuos que se obsequiam, que se cumprimentam e que commungam os mesmos sentimentos moraes, politicos ou religiosos. Posto isto, que é muitissimo pouco, a inexperiencia arrasta-nos como que por encanto para esses *conhecidos*, e dentro em pouco confiamos-lhes intimos segredos e quasi de todo nos entregamos aos seus conselhos que as mais das vezes (ai Deus do ceo!) cavam apressadamente a nossa ruina!

Por isso promettemos desde já mostrar quão preciosas são as vantagens d'uma educação esmerada, tendente a prevenir os grandes abysmos da vida.

Depois dos meros cumprimentos e obsequios entre individuos, que algumas vezes se encontram, nada mais é necessario para se crerem amigos, mas nunca d'aquelles cuja perda, como nos diz Publio Syro, devemos considerar a maior de todas.—*Amicum perdere est damnum maximum.*

Ordinariamente os modernos amigos são... amigos do genero humano, ou antes, de ninguem são amigos. Por isso frequentemente se lhes chama *amigos de Penick*, *amigo para o inverno*, etc.

A verdadeira amizade, esse precioso affecto desinteressado e puro, desco-

bre-se nas occasiões incertas, na desgraça, quando os falsos amigos nos abandonam com receio de lhes sermos pezados ou certos de que o nosso prestimo se tornou de todo nullo.

O grande Camillo chamou-lhes com razão impavidos marotos n'este formoso soneto :

«Amigos cento e dez e talvez mais,  
Eu ja contei! Vaidades que eu sentia!  
Pensei que sobre a terra não havia  
Mais ditoso mortal entre os mortaes.

Amigos cento e dez, tão serviçaes,  
Tão zelosos das leis da cortezia,  
Que eu, já farto de os ver, me escapulia  
A's suas curvaturas vertebraes.

Um dia adoeci profundamente,  
Ceguei. Dos cento e dez houve um sómente  
Que não desfez os laços quasi rotos.

*Que vamos nós (diziam) lá fazer?  
Se elle está cego, não nos pôde ver...  
Que cento e nove impavidos marotos!*

Escolher pois as amizades é um dever de quem deseja viver vida de encantos; e essa escolha, difficilima, só poderá ser bem feita depois de prolongada experiencia, apreciando-se maduramente os actos particulares e publicos d'aquelle que se nos afigura bom, leal e prestadio.

E' loucura acreditar-se que a escolha das amizades mais firmes só pôde ter logar nos decantados *laços de sangue*. Crer inconsideradamente n'esses *laços*, o mesmo é que expormo-nos aos maiores dezares porque, salvas honrosas excepções, elles são tão frageis como os estranhos.

Epicteto diz a este proposito:

«A cada passo encontramos cãesinhos a brincar uns com os outros: pare-

ce que entre elles reina sincera amizade; mas se lhes atirardes o osso quando brincam, eil-os inimigos; pegam de rosnar, ameaçando, e d'ahi a pouco dilaceram-se. Tal é, frequentemente, a amizade dos irmãos, de paes e filhos. Se pegam a disputar por causa de dinheiro ou de terras, lá vão os sentimentos generosos, os nomes de pai, de irmão, e de filhos; o interesse tudo aniquilou. Queres saber se dous homens são amigos? Não perguntes se são irmãos, ou se foram creados juntos; informa-te se são virtuosos; porque a amizade só póde existir em corações onde se abriga o pudor, a fidelidade, e a concordia de tudo que é bello e honrado».

Na escolha dos amigos devemos ter sempre em vista a opinião de Horacio. Elle aconselhava que se desconfiasse do que detrae no amigo ausente, e o não defende quando o deprimem.

Façamos portanto estimação dos bons amigos, que são raros, e teremos obedecido ao conhecido proverbio:

Vinho e amigo, o mais antigo.

## LUCTO VERMELHO

Quando vejo passar taes figurões,  
A mim pergunto: Aquelles desgraçados  
Serão do Cardinali os creados  
Convidando á mais grrande das funcões?

E respondem-me então os meus hotões:  
Não são tal! são malañdros ajustados  
A figurarem de gatos-pingados  
No funeral do rei dos foliões,

—Do morto Carnaval? Que triste fim!  
Cobertos de alvaiade e vermelho?!  
Não me lembro de vêr um lucto assim!

—São modas que nos vem de importação.  
Veja lá fóra: tudo carmezim  
Nos regios funeraes da velha... Albion.

F.

## Poétas mortos

(Continuado do n.º 22)

Oito dias depois procedeu-se á leitura e distribuição dos papeis das comedias escolhidas; distribuição essa que foi mais estremada pelo nosso ensaiador Carlos d'Almeida do que por nós mesmos. Assim, na comedia—*Coração e estomago*—houve a seguinte distribuição:

Emilia,.....20 annos—Eduardo Coimbra  
Conselheiro,....75 » —A. Vasco Leão

Augusto,.....24 » —Hylario  
Macario,.....48 » —Luiz Lima  
Anastacio,.....36 » —José Baptista.

E na comedia—*Um fura vidas* dividiram-se os papeis da seguinte fórma:

Doutor. . . . . Alberto Sobral  
Luiza . . . . . Eduardo Coimbra  
Sá . . . . . Hylario  
Castro . . . . . Vasco Leão  
Luiz . . . . . José Baptista  
Antonio. . . . . Pinto da Costa

A comedia *Razonar sem dormir* que só tem dois personagens, seria desempenhada pelo Luiz de Lima e por um outro rapaz do qual não me recordo agora o nome.

Distribuidos assim os diversos papeis, tractamos desde logo de começar os ensaios no proprio theatro Gil Vicente para que os noveis amadores ficassem mais seguros do palco.

Nomeou-se, pois, uma commissão, da qual fiz parte, para ir tractar com o director do Palacio, sr. Vieira, o aluguer do theatro para ensaios e récita entrando n'esse aluguer a luz, empregados, orchestra—que era então a do Palacio—decorações, moveis e outros mil nadas que custam muito dinheiro nos theatros.

O digno director do Palacio de Chrystal recebeu a commissão com a maior amabilidade, ouviu-a com a mais escrupulosa attenção, concedeu-lhe um dos seus mais cariciosos sorrisos e por fim declarou:

—Que o Palacio estava empenhadissimo (está assim desde que se construiu) que o gaz era carissimo, que o theatro talvez se estragasse, principalmente as decorações, com a continuação de assiduos ensaios... principalmente realisados por estudantes... Mas, perdão, accrescentou com um finissimo sorriso brincando-lhe nos finissimos labios, mas, perdão, não imaginem que n'estas minhas palavras haja a minima offensa para a mais elevada classe da sociedade—a escholastica—que eu muito estimo, respeito e admiro, nada d'isso!... mas... os surs. são rapazes e os rapazes são o demónio... bem vêem que podem estragar, escangallar e...

—Dá-me licença? interrompen o Luiz de Lima muito pallido e com a voz tremula de cólera, dá-me licença? nós não viemos aqui para ouvir sermões tólos, nem estamos aqui para aturar os seus disparates; nós viemos muito simplesmente perguntar se quer alugar o theatro para ensaios e récita e com todos os requesitos? Se quer alugal-o, diga quanto custa; se não quer diga-o também porque theatros, no Porto, não faltam, graças a Deus; e dinheiro também não nos falta!

O sr. Vieira, ouvindo fallar em *massas* abundantes, arrebitou as orelhas, fulguraram-lhe os olhos e, longe de se zangar, respondem com a sua mais doce voz:

—Ora vamos, vamos, nada de zangar; tractemos este negocio amigavelmente. Querem

alugar o theatro? Pois alugo-lh'o, que diabo, eu não sou um Cerbéro! Querem saber quanto custa? Para o dia da recita com orchestra, porteiros fardados, empregados de scena, bella illuminação, decorações, mobilia, etc, etc.—80\$000 reis... e creiam que é de graça...; agora para os ensaios... para os ensaios (e sua ex.<sup>a</sup> cofiou a barba) é o diabo, o gaz está caro... muito caro... ah! .. acheil em vez de gaz dou-lhes gazolina, hein! Uma bella luz, uma esplendida luz, uma magnifica luz e... baratissima, quasi de graça—40 reis o metro cubico... Está combinado.

—Quarenta reis o metro cubico! gritou o Luiz Lima, mas esse é o preço do gaz!!

—Perdão, mancebo, perdão, o gaz está a 45 reis.

—E diz então o senhor que é de graça a gazolina por esse preço? Mas, vamos adiante, quanto deveremos pagar pelo aluguer por noite para os ensaios?

Menos de 1\$500 rs. não posso alugar o theatro.

Com luz?

—Com luz, é claro; mas só com 4 bicos accesos no palco; e creiam que chegam bem porque a gazolina é de primeira ordem.

—E V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> não acha tudo isso uma exorbitancia, um abuso? perguntei.

—Ora essa! Abuso! Essa é torte! Abuso! Eu tenho ordens e a minha obrigação é cumpril-as! Se acham que é abuso retirem-se...

—Estamos scientes, interrompeu o Luiz Lima, alugamos o theatro nas condições exigidas por V. Ex.<sup>a</sup>; queira só dizer quanto devemos dar de signal?

O director cruzou uma perna sobre outra, cofiou a barba, levantou a cabeça e os olhos para o tecto, tossiu, escarrou, meditou alguns momentos e por fim respondeu placidamente:

—Bastam cincoenta mil reis.

—Cincoenta mil reis de signal, exclamei indignado, isso é uma pouca vergonha, um verdadeiro absurdo!

—Ora o senhor que está sempre a gritar contra os meus abusos e absurdos! Corrija-se, mancebo, corrija-se e... se acha muito, retire-se com os companheiros.

Que fazer? Necessitava do theatro porque era pequeno, elegante, distincto, mas não queriamos gastar o dinheiro d'uma assentada, ou antes, não queriamos entregar o signal e ficar sem elle se a recita se gorasse. Que fazer?

Foi o Luiz Lima quem cortou o nó gordio:

Nenhuma duvida temos em dar os 50\$000 reis de signal se V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> nos afirma sob palavra d'honra que, se não levarmos a effeito o projectado espectáculo, nos entregará metade d'essa quantia.

O sr. Vieira depois de reflectir exclamou solemnemente:

—Dou a minha palavra d'honra de que entregarei 25\$000 reis no caso do espectáculo não se realisar.

Casa d'Arca.  
22—2—901.

(Continúa)  
VASCO LÉAO.

## UM BEIJO, NÃO?

(Ao Arthur do Pombal)

Repousa os labios sequiosos,  
Ao menos alguns instantes,  
Nos meus labios palpitantes.  
Seremos ambos ditosos.

Olha: os astros luminosos  
Beijam-se febricitantes  
Como vendidos amantes  
Em camarins deliciosos.

Beija a borboleta a flor;  
E o lirio verga a fronte  
No valle, a beijar a fonte.

Só tu, anjo, ó meu amor,  
Não sacias meu desejo  
Com a frescura d'um beijo...

A. C. GIL.

## ENTRUDO

Ao Ex.<sup>ma</sup> Snr. Dr. Gaspar de Abreu

**E**stamos na epocha do rir.  
Gargalhemos...

Chegam até á solidão d'este quarto, onde me vam envenenando a existencia os livros e a arte, o muito pensar, o sonhar phantasia d'uma mente morbida: o foliar imbecil dos esfarrapados, o riso alvar dos que mascaram as pústulas do soffrimento e incineram as maguas da miséria com o riso quente, desfeito, a todo o folgo.

A miséria das ruas andraja-se com oiros falsos, pinta-se a vermêlão, desorienta-se na carnificina da sensualidade, gargalha no congestionamento ebrio do folgar doloroso, a miséria das ruas, mascarando-se, desnuda-se. Com o morrer do dia fallecem as bubonices descalças. E' noite.

O frio enregela a pobreza, as estrellas scentelham uns sorrisos de oiro aos lyricos famintos.

Illuminam-se as salas, perfumadas, ornadas, a despertár walsas e a convidar a galanteios.

Os oiros cegam, os velludos, em todas as côres, amenisam, o rir é espirituoso, o entruddar principesco.

As borboletas saltitam de amor em amor, accendem clarões de esperanças, poeiram de matiz os sorrisos, arremessam beijos e fogem e tornam a voltar e lá desapparecem de novo.

O perfume embriaga, o walsar encanta, a harmonia enleia e tudo estala, embrieguez, encanto e enleio, tudo rebenta n'uma gargalhada de crystal.

Sôa meia-noite.

Hamlet passa :

«Ser ou não ser.»

Mas a orchestra preludia uma quadrilha e o louco é banido a lategos de chacota. E, no meu quarto, á luz dubia d'um candieiro de petroleo, fumando um fraco cigarro e recostado n'uma poltrona, eu vejo a minha eleita, a que me arreiga ao mundo, a walsar esquecida, a rir, talvez, da minha dôr e a zombar do meu pessimismo.

E, sem eu o querer, tal pensamento persegue-me, contrahe-me, arrepela-me, e eu solto uma gargalhada jogralesca, dolorosa, que me custa a sentir e me greta os labios.

E' a epocha do riso.

Ah ! Ah ! Ah !

Um dia, que não vai longe, meia duzia de rapazes, amigos meus e meus collegas, apostaram uns que eu não seria capaz de mascarar-me e bailar, outros que a tal me poderia abalançar, ainda que por custo.

E venceram.

Aluguei um dominó de velludo negro e entrei n'uma sala, onde o entrudo foliava cortezão, a tlintar os guisos da pantomina, a requebrar-se orgiaco, a fauce escancarada n'uma risada constante.

A sangue frio arrependi-me. Fui sentar-me n'um angulo do bello salão illuminado, a estudar as mascaras, perdido em conjecturas, que algo tinham de carnavalescas.

Mas ferveu-me na mente um desejo—ser bôbo, divertir-me, fazer espirito, lançar-me na febre da turba.

Entreí n'um restaurant e temperei-me.

Ao voltar ao sarau um dominó de velludo purpura, uma mascara de setim branco, agarrou-me.

—«Dansarás commigo.»

Conheci logo ser dama e pela conversa a curiosidade espicaçou-me. Parecia-me illustrada, d'uma sociedade fina, emfim sentia-me enredado n'uma aventura, que, á fé, me agradava.

—«Cearemos, não ?»

—«E porque não ?»

Em gabinete reservado, com todas as gallas, dispersos crystaes, luzes e flores, eu pedi ao deminó purpura, de mascara de setim branco :

—«Tiras a mascara ?»

—«Pois ainda não adivinhaste ?»

—«Não. E confesso que me sinto intrigado.»

N'um instante arrancou a mascara. Sentime enfraquecer, dobrarem-se-me as pernas, faltara-me o ar.

—«Pasma ?»

Tinha ouvido contar que a companheira minha d'aquella noite, de onde a onde, deixava-se arrastar em aventuras galantes.

Era uma dama requestada, fina, por quem se haviam batido galanteadores provados.

Correu animada a ceia.

As taças trasbordavam champagne, os

calices enchiam-se de licores variados.

Sentou-me sobre a mesa, enlaçando-me, tentando-me em todo o mysterismo da sua sympathia.

E eu deixava-me enlaçar, sentia-me desvairado, feliz.

O perfume d'ella e das flores, o que bebi, o ruidoso da aventura transtornaram-me.

E quando ella me agarrou e disse :

—«Vem para minha casa», eu respondi com voz tremula :

—«Nunca !»

E deixei-a ficar abysmada.

Emuito longe eu ainda gargalhava n'um gargallar doentio, louco, imbecil talvez.

O quanto me agradara a ceia me desagradaria o resto da aventura.

E por isso, enjoado, me retirei. Ninguem mais se lembrou de apostar.

E' a epocha do riso.

Ah ! Ah ! Ah !

Recalcam-se soffrimentos, esquecem-se maguas, desprezam-se preconceitos. Que importa o mal passar de um anno em troco da vaidade de dar um baile ?

Abram-se os salões.

Crescem os impostos, dementam-se os politicos ?

Saiámos á rua ou trajados de principes ou rebaixados em estrumeiros.

O que fôr soará.

E chegam até á solidão d'este quarto o esfusiar da farrapada, a harmonia suave dos saraus, onde, por certo, a eleita de minh'alma, se compraz n'um walsar prasenteiro.

Ah ! Ah ! Ah !

A noite cresce, a noite cresce.

Apagou-se-me o cigarro, enfraquece a luz, em casa tudo dorme, tudo repousa.

Sinto-me atormentado pelos anctores das obras, que tenho n'estas estantes, vejo desfiar o drama de cada uma, culparem-me dos crimes, banirem-me nas alegrias.

E forcejo o riso, forcejo a alegria, pretendo convencer-me que posso, que devo gosar, aventurar-me á felicidade.

Loucura !

E não cessa de affligir-me o riso da minha amada.

Oigo-o, oigo-o, lá muito longe... Ah ! Ah !

Guimarães 17—2—1901.

E. D'A. J.

### A PORTARIA DO SNR. ARCEBISPO PRIMAZ

Nunca é de mais tudo quanto se diga acerca d'este documento, venerando por vir d'onde vem e importantissimo por estabelecer uma nova jurisprudencia, embora se apresente sob o titulo modesto de *Portaria*. Entremos-lhe na essencia e vejamos o que d'alli sae.

O sr. arcebispo declara que *louva o rev. parcho de S. Sebastião pelos desejos que mostra de manter o direito que tem de as corporações lhe participarem com antecedencia o nome do prégador que desejam convidar e de lhe serem apresentadas as licenças dos presbyteros, que na sua freguezia quizerem exercer as ordens...*

Até aqui, a não ser a inopportunidade do *louvor*, não ha nada que signifique injustiça; parece-me que o sr. arcebispo não está em lucta com as Constituições do arcebispado nem com os Decretos dos seus venerandos antecessores. Effectivamente os rev.<sup>os</sup> parchos tem as direitos, que o rev.<sup>o</sup> Goja *mostra desejos de manter*.

Mas a meza da irmandade de Santa Luzia não participou com antecedencia ao rev.<sup>o</sup> Goja o nome do prégador que desejava convidar?

Procurei saber a verdade e foi-me dito que não se limitaram a participar-lhe verbalmente: mandaram-lhe um officio, cuja copia foi enviada tambem ao sr. arcebispo!

Logo o rev.<sup>o</sup> Goja não deixou sómente de ser *prudente*; foi arbitrario no seu procedimento, merecendo por isso, não um *louvor*, mas uma censura, que obstasse a futuros desmandos.

Ao rev.<sup>o</sup> Gaspar Roriz declara o sr. arcebispo que lhe desagradou o seu proceder!

Porque?

*Por pretender prégar sem ter apresentado ao rev.<sup>o</sup> parcho a licença, que para isso tinha, e por aceitar, sem saber se elle consentiria, o convite para o sermão na festividade de Santa Luzia (!)*

Mas segundo o que dizem dezenas de testemunhas presenciasaes, o rev.<sup>o</sup> Roriz apresentou ao sr. cura a licença, na occasião em que este lhe intimou, com um cynismo revoltante, a prohibição de prégar.

O que me consta é que o rev.<sup>o</sup> Roriz prégou muitas vezes na freguezia sem que o rev.<sup>o</sup> Goja lhe perguntasse pela licença. O que eu sei é que não ha disposição alguma que obrigue os prégadores a apresentarem essa licença sem lhes ser exigida. O que todos sabem é que os rev.<sup>os</sup> parchos nunca perguntam por taes licenças aos prégadores, e principalmente quando estes são conhecidos.

Como pôde, pois, o rev.<sup>o</sup> Gaspar Roriz cahir no *disagrado* do sr. arcebispo?!... *Por aceitar, sem saber se o rev.<sup>o</sup> parcho consentiria, o convite para o sermão de Santa Luzia!*

Mas onde estava a lei que obrigava os prégadores a tanto? Simplesmente no espirito do ilustre Prelado Bracarense: era uma *lei munda* e nada mais, por quanto o Decreto do sr. D. João Chrysostomo, que até ao dia 7 de feveiro de 1901 (em que foi publicada a Portaria do sr. arcebispo Primaz) regulava as questões d'esta natureza, obrigava sómente os que fazem a festa a dar conhecimento com pre-

via antecipaçaõ aos rev.<sup>os</sup> parchos do nome do orador por elles escolhido.

Logo o proceder do sympathico e talentoso commissario da V. O. T. de S. Francisco, rev.<sup>o</sup> Gaspar Roriz, em vez de desagradar ao sr. arcebispo, devia merecer-lhe todos os louvores, todos, porque foi d'uma prudencia e d'uma cordura incompreensíveis, inacreditáveis, ante a injustiça, que lhe era feita, e a declaração publica e infamante dos taes *motivos particulares*, que envolviam um labeo que o virtuoso e dignissimo sacerdote não merecia de forma alguma. Se elle, n'aquelle acto, não serenasse os animos, a egreja de S. Damazo ficaria interdita e, com certeza, o considerado orador era desagradado, não só porque o facto da prohibição de prégar, que nunca foi presenciado n'esta terra, repugnou á todos, mas tambem porque o rev. Roriz é aqui muito considerado pelo seu comportamento irreprehensivel, pelas suas aptidões incontestaveis e pela actividade e enthusiasmo com que se apresenta sempre á frente de todas as manifestações religiosas que se realisam ha annos n'esta cidade, podendo affirmar-se que d'algumas tem sido elle a alma.

O sr. arcebispo *tomou conhecimento da representaçãõ, que lhe fez a meza da irmandade de Santa Luzia e da queixa que lhe fez o rev.<sup>o</sup> Gaspar Roriz e depois de ter lido o que em sua defeza julgou dever apresentar o rev.<sup>o</sup> parcho de S. Sebastião* houve por bem louvar o réu e censurar os auctores!!!

Não seria melhor que s. ex.<sup>a</sup> juntasse a queixa e a defeza e mandasse tudo ao dignissimo arcipreste d'este Districto Ecclesiastico para o informar da veracidade dos factos?

Quem sabe se o rev.<sup>o</sup> Goja diria em sua defeza que exigiu ao rev.<sup>o</sup> Roriz a licença e este se negou a mostrar-lh'a? Quem sabe se em sua defeza elle diria cousas que estão muito longe da verdade? E para esclarecer não deveria ser ouvido o dignissimo arcipreste, se é que o sr. conego dr. Manoel Moreira Junior merece a confiança do sr. arcebispo?

E' justo que o sr. arcebispo procure manter a auctoridade dos parchos, é esse: té um dos deveres de S. Ex.<sup>a</sup>, como Pastor supremo d'esta Archidiocese. Mas a auctoridade mantem-se louvando o zelo e censurando os desmandos. A auctoridade mantem-se cumprindo-se aquelle principio: *Fiat justitia, percat, ne pereat mundus.*

## REVOLTA...

AO EDUARDO D'ALMEIDA JUNIOR

Tenho pena de vós, ó torpes mascarados  
Q. na rua passais, uma outra voz fingindo,  
Porq. mostrais nos labios vãos, acarinados  
Uma alma de quem passa esta vida sorrindo!

Tenho terror e dó, ó Mascaras, ao ver-vos...  
Com esse falso olhar, pouco me perturbaes:  
Tremó todo de susto, e irritam-se-me os nervos,  
Quando penso na Dór q. vós nos occultaes...

Q. extranha concepção é q. assim vos arrasta  
A gargalhar, febris, n'estes dias malditos?...  
Alguma Força ha q. vença a Dôr nefasta,  
E q. faça calar os dolorosos gritos?!

Quanto lucto d'Amor! escondes Carnaval.  
E quanta pallidez encobre o Vermelhão...  
E quando oço tinir dos guizos o gorjal,  
Penso q. quem o toca ás vezes não tem pão!!

Q. Horror vós me causais, ó homens disfarçados!  
P'ra q. q. reis enganar quem vos engana a vós?  
Quem não vê n'esses labios torpes, empoados,  
A mesma Dôr q. existe em cada um de nós?

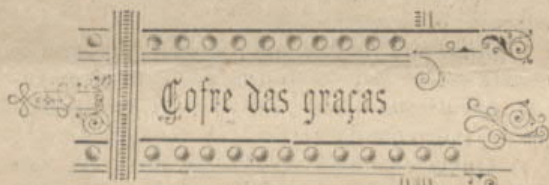
Não sois vós quem dá pão ás boccas esfaimadas,  
Nem mata em nós o Mal q. tanto nos opprime...  
O Funambulos—vãos! as vossas gargalhadas  
Só noz podem mostrar a occasião de um crime!!

Se não vos conhecesse, eu era mais feliz:  
Se m'illudisse alguém, tambem eu m'illudia...  
Mas eu vejo atravez essa porção de giz,  
N'essa face os signaes da Dôr e da Agonia!

Os farrapos despi! despi o Vilipendio!  
A Vida não foi feita para alguém gosar...  
Os Trajos da Folia ardam n'un grande Incendio!  
E se quereis viver, vivey para Chorar!!

Terça-feira de Carnaval,  
Coimbra, 1901

ALFRÉDO PIMENTA.



*Fazem annos as ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>:*

Hoje 24—D. Filomena Adelaide Ribeiro  
de Faria.

Dia 25—D. Candida Augusta de Lemos.

« 27—D. Thereza Flora Ribeiro de  
Faria.

Março 2—D. Maria Adelaide Monteiro de  
Meira.

*E os ex.<sup>mas</sup> srs.:*

Hoje 24—Dr. Henrique Cardoso de Me-  
nezes.

Dia 28—Padre Antonio Hermano M. de  
Carvalho.

» » —João José Fernandes Guimarães.

### *Notas intimas*

Retiraram-se para o Porto e Coimbra todos os  
academicos que vieram aqui passar o carnaval. Aos  
que nos distinguiram com a sua apreciada visita e  
despedida os nossos sinceros agradecimentos.

Chegou a esta cidade, na passada quinta-feira, no  
comboio da tarde, o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. D. Sebastião  
José Pereira, Bispo de Damão.

Veio visitar seu irmão o snr. Antonio José Perei-  
ra Lisboa, activo industrial, morador na rua de Do-  
nães.

Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> tenciona aqui demorar-se alguns  
dias.

Damos as boas vindas ao illustre prelado.

### Auspicioso enlace

Na passada segunda-feira 18 do corrente, pelas 11 ho-  
ras da manhã, realisou-se na parochial igreja de S. Pedro  
d'Azurey, suburbios d'esta cidade, o enlace matrimonial da  
ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Rita do Espirito Santo Martins Ribeiro  
com o snr. dr. José Maria de Moura Machado, medico-ten-  
nente do regimento de infantaria n.º 20.

A noiva, filha dos ex.<sup>mos</sup> snrs. Domingos José Ribeiro  
Guimarães e D. Anna Candida da Silva Martins, Ribeiro é  
uma das mais illustradas e sympathicas damas vimaranenses.

Possuidora de altissimos predicados, pois que ao talen-  
to e fina educação allia os enlevos de acisoladas virtudes  
uma alma bem formada, ella é, por assim dizer, o reflexo  
de seus extremos paes em quem toda a gente reconhece  
e admira os mais formosos dotes de espirito e coração.

Nós, que por dever consagramos a esta familia-mode-  
lo o mais puro de todos os affectos, o maximo reconheci-  
mento, desejamos aos sympathicos noivos que a felicidade  
lhes seja inseparavel companheira n'uma vida longa, sem-  
pre matisada de sorrisos e venturas.

Na *corbeille* da noiva lembra-nos vcr, a par de ou-  
tras prendas, as seguintes:

Do noivo, um aderece de brilhantes; de D. Maria  
Angelina Pereira da Silva, do Porto, uma pulseira antiga  
de ouro; de sua mãe 1 par de castiças, barginha e espevi-  
tadeira, tudo da prata; de sua mana D. Maria Angelina  
Martins Ribeiro, uma peça de ouro de D. Maria II cum-  
bada em 1835, e um pente de prata; de D. Maria Adelaide  
Motta, 1 colher de prata para copo d'agua; de D. Albertina  
Rodrigues, 1 escova para cabelo com encastamento de  
prata; de D. Joanna Couto, 1 escova para dentes encastada  
em prata; de D. Anna Couto, 1 penna de prata; de D.  
Maria Costa, 1 par de solitarios de crystal, encastados em  
philagrana de prata; de D. Rosa Pinheiro, 1 duzia de co-  
lheres para chá com a respectiva concha, tudo de prata; de  
D. Maria Maximina Silva Caldas, 1 estojo para costura; de  
D. Thereza Motta Prego, 1 colher de prata para marisco;  
de D. Maria Augusta Queiroz, 1 caixa de perfumaria; da  
menina Maria Amelia Ribeiro de Souza, 1 par de argollas  
de prata para guardanapo; de D. Anna Gonçalves Ferreira,  
1 castical de prata para quarto; de D. Clotilde Ribeiro, 1  
colher de prata para copo d'agua; de D. Maria Luiza e  
D. Maria Henriqueta Noronha, 1 par de argolas de prata  
para guardanapos; de D. Maria Alves Arcias e esposo, uma  
manteigueira de christophle; do padre José Maria Fiuza, 1  
broché de ouro com rubis e esmeraldas; de D. Elisa Ribe-  
iro, uma garrafa e copo para *toilette*; do dr. Antonio Ba-  
prista Leite de Faria, 1 paliteiro de prata estylo Luiz XV;  
de D. Anna Julia Mendes, 1 par de solitarios e um frasco  
de perfumarias; de D. Maria Martins e esposo, uma duzia  
de guardanapos e uma toalha para meza, tudo de linho; da  
creada Maria Antonia, 1 par de escovas para lavatorio com  
encastamento de prata; de Maria e Joanna da Silva, 1 par  
de jarras de biscui.

Os noivos, depois de um lauto jantar em casa do snr.  
Ribeiro, partiram para Braga e d'aqui para Barcellos, on-  
de devem residir pelo facto do snr. dr. Moura Machado  
pertencer ao segundo batalhão de infantaria 20 alli aquar-  
tellado.

### JARDIM PUBLICO

A banda regimental executará hoje, se o  
tempo o permitir, da 1 ás 3 horas da tarde,  
o programma seguinte:

#### Primeira parte

Hymno Nacional.  
Souvenir de Lisbonne—Mazurka—Barine  
D. Carlos—Fantasia—Verdi.  
Reverie—Quadri-lha—Waldteufel.

#### Segunda parte

Amor de mulher—Mazurka—Nicolan.  
Africana—Fantasia—Verdi.  
O convalescente—Ordinario—Pina.

Ao snr. João de Souza Neves damos sentidos pe-  
zames pela morte da sua interessante filhinha.

## A Memoria

Não publica hoje a secção de *Casos e Occorrenças* em razão da muita abundancia de escriptos. Por falta de espaço não publicamos tambem outros escriptos que estão em nosso poder, do que pedimos desculpa aos seus auctores.

Os dois proximos numeros serão illustrados.

## O CARNAVAL

Meu caro Redactor.

Prometti-lhe escrever para o seu interessante jornal duas cousas a respeito do frio e decadente carnaval d'este anno. O meu estado de saude, porém, não me permite ser muito minucioso nas impressões que taes festas me deixaram, e limito-me, então, a dizer essas duas cousas muito de passagem. Fomos, como qualquer vertebrado, até ao Toural, ao coração d'esta nobre cidade, onde se reúne o que ha de mais escolhido aqui, e, com franqueza, as impressões que nos ficaram não foram nenhuma. — Velhos folguedos do rapazio e mais cousa nenhuma. Ao ratão do Sampaio, do veterano que ainda é a alegria, a bem dizer a alma dos briosos academicos, é que lhe deu para boa! — De saia branca, que lhe dava pouco abaixo dos joelhos, de chaile e de lenço a encobrir-lhe as lindas e negras barbas á guize, atravessou o Toural no meio de grande halburdia e de algumas laranjadas dos rapazes. Teve graça, por serem cousas do Sampaio.

E bem se importava o Sampaio que lhe cantassem a cantiga:

*O Jeronyminho  
Não vás ao Toural  
Em saia branca  
Que parece mal!...*

Alguem nos tinha dito confidencialmente que haveria uma surpresa, feita por o Pedrinho e que seria: elle subir, escondidamente, a uma das janellas do café—valgo—da Porta da Villa, e de lá, do alto, jogar os seus pósinhos a um grande numero de cavalheiros que alli estavam *dilettante* na doce paz dos curiosos a ver os folguedos da occasião. Pois, meu snr. Albano Pires, ali estive eu uma boa meia hora, mas de longe, já se vê, olhando para todas as janellas, como o boi a olhar para palacio, e de surpresa cousa nenhuma. Quem é esse tal Pedrinho? perguntará alguem. — Ora esta!... Quem demonio é que não conhece o Pedrinho, este rapaz da meia roda vimaranense, esse ladrão que não diz uma palavra e que não faz uma cousa que não surtam o effeito de a gente se escangalhar a rir? Quem não conhece este coração de perola e esta alma de eleição? O Pedrinho, sim, o maganão do Pedrinho?... Elle era muito capaz de fazer a raiça, e estou bem certo que ninguem lh'o levaria a mal. Porém, não o fez. Pena foi.

Deixemos o Pedrinho agora, e que elle perdoe á nossa amizade d'antigo condiseipulo esta affronta á sua muita modestia.

—Dois distinctissimos cavalheiros, de chapéu *d'barreira*, de banda á cinta e de bem talhada jaqueta á hespanhola, cavalgavam dois formosos cavallos da mais linda estampa e das mais solidas ferraduras.

E era aquillo a nostalgia de quê? De quê? Sabemos nós lá bem de que demonio era semelhante nostalgia!... O que nós vimos é que os cavalheiros emeritos, nas purissimas gentilezas de seus sorrisos carnavalescos, arremessavam aqui e acolá, n'um phrenesi indomavel, cartuchos, muitos cartuchos. E as massas riram e nós achamos-lhes pilheria, extraordinario *salero*.

—E as sopeiras, algumas d'ellas bem *revelhucas* e de chinella rota? Oh! não vimos nós muitas tambem *enfartuhadas*, sentadas ao sol, mais pobres do que Job, mais fetidas do que Lazaro, como que mostrando que tambem tiveram quem, em beneficio da sua omnimoda nullidade, gastasse dez reis em pós? Mas, por Mahomet! não

seriam ellas que a si mesmo se empoaram, para se resarcirem da enorme perda de ninguem lhes ter atirado a cartuchada do estylo? Sim, sopeiras! Eu sou do vosso partido.—Com mil diabos! ninguem vos ligou a importancia de dez reis de pós?—Applicastel-os vós por vossas descarnadas mãos, *comendo* assim a humanidade, impingindo-lhe que tambem ha perdularios que convosco gastaram dez reis! A mim, porém, é que vós não comestes. E não sou dos mais finos.

—E tu, Miquinhas, que me disseste, toda cheia de vaidade, que havias de passar o carnaval impunemente? E afinal, fui dar contigo, á noitinha, com a cabecinha saturada de brilhantes!...

Como estavas extraordinaria d'encantos então! As tuas madeixas pareciam um resplendor de prata, que, reverberando-se em tuas setineas faces, lhes davam o poetico viço dos dezoito annos. Sim; essas lentejoulas que te estrellavam a fronte avultavam tua belleza angelica, e tu eras mais que divina! Mas o que é certo é que jogaste o estrudo e não mais podes dizer: *«Desta agua não beberei.»*

E tambem houve quem pagasse tremoços a granel!...

Eis, snr, redactor, que impressões me ficaram acerca do carnaval. Quem poder, ou quizer, que as escreva dmais minuciosamente, se para isso tiver logar.

Sou de V. amigo obrigadissimo.

LIRÓ.

## MISSA

Os abaixo assignados, mandam no dia 28 do corrente pelas 11 horas da manhã, celebrar uma missa na igreja da Misericordia, suffragando a alma de sua extremosa filha e irmã Anna Maxima Caldas Mello.

Pedem ás pessoas de suas relações a fineza de assistirem áquelle religioso acto.

Summamente gratos se confessam por este obsequio.

Guimarães, 24 de Fevereiro de 1901.

Antonio Joaquim de Mello,  
Maria Madre Deus Caldas Mello,  
Maria José Caldas Mello,  
Antonio Joaquim de Mello Junior (ausente)

## ANNUNCIOS

## EDITOS DE 30 DIAS

(1.ª publicação)

NO Juizo de Direito d'esta comarca de Guimarães, pelo cartorio do escrivão abaixo assignado e no inventario orphanologico por fallecimento de Anna Rosa Cardoso, casada e moradora, que foi, na rua de Couros, d'esta cidade, e em que é inventariante e cabeça de casal o viuvo, seu marido, Antonio Teixeira da Silva Araujo, morador na mesma rua de Couros, correm

editos de 30 dias, que começarão a contar-se da ultima publicação d'este annuncio, a citar os co-herdeiros filho e nora da inventariada, Martinho Teixeira da Silva Araujo e mulher Claudina, cujo sobrenome se ignora, ausentes em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil, para virem fallar e assistir a todos os termos até final do dito inventario e deduzir seus direitos, sem prejuizo do andamento d'elle e com a pena de revelia.

Guimarães, 15 de fevereiro de 1901.

Verificado,

*Fernandes Braga.*

O escrivão,

*José Joaquim d'Oliveira.*

ARNALDO PEREIRA

## LAGRIMAS D'ALMA

—volume de poesias, preço 500 reis

Pedidos ao auctor

Guimarães

## VIDA E AVENTURAS ADMIRAVEIS DE Robinson Crusóé

Este celebre romance de Daniel Defoe, d'uma leitura absolutamente inoffensiva e repleto ao mesmo tempo d'attractivos e aventuras maravilhosas passadas em muitas regiões ainda hoje pouco conhecidas, constitue um dos mais preciosos brindes que se podem offerecer a uma creança.

A obra completa formará um unico volume in-4.º grande e n'um formato elegante.

A Empreza offerece a todos os srs. assignantes um valioso brinde

Reprodução d'um dos melhores quadros existentes

NO  
MUSEU NACIONAL DE BELLAS-ARTES

Cada fasciculo semanal de 16 paginas e uma bella gravura em separado ou duas gravuras intercaladas no texto e uma capa

50 réis

Pedidos á Empreza do

Cada série mensal brochada, com 80 paginas e 7 e 8 gravuras, sendo 2 ou 3 em separado e uma capa illustrada.

250 réis

ATLAS DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL  
—LISBOA—

# TYPOGRAPHIA

DE

## ALBANO PIRES DE SOUZA ANTIGA SILVA CALDAS

120—Rua da Rainha—122—Guimarães

Impressão de bilhetes de visita desde 120 reis o cento; circulares, facturas, mapas, memorandums, acções, cheques, enveloppes timbrados e todos os mais impressos para commercio, camaras municipaes, administrações de concelho, repartições de fazenda, juntas de parochia, irmandades e cartorios; rotulos para pharmacia e para vinho; cartas funebres; programmas e bilhetes de espectaculos; recibos e diplomas para associações.

Trabalhos typographicos em todos os generos, desde o mais pequeno ao maior formato.

Preços de todas as obras sem competencia.  
Carimbos de borracha, metal e madeira.